



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE DIREITO NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO**

**CATARINA COELHO DA ROCHA LIMA**

**SUSSURRO – UMA LUTA CONTRA O SILENCIAMENTO FEMININO**

**Goiânia**

**2024**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE DIREITO NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**SUSSURRO – UMA LUTA CONTRA O SILENCIAMENTO FEMININO**

Produto filme documentário apresentado como trabalho de conclusão do curso de graduação em Jornalismo à Escola de Direito, Negócios e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob orientação da professora doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

**Goiânia**

**2024**

**CATARINA COELHO DA ROCHA LIMA**

**SUSSURRO – UMA LUTA CONTRA O SILENCIAMENTO FEMININO**

Data de defesa: 12 de dezembro de 2024.

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

---

Profa. Ma. Sabrina Moreira Oliveira

---

Profa. Ma. Gabriella Luccianni Morais Souza Calaça

Dedico este trabalho a todas as mulheres vítimas de violência  
que foram questionadas e silenciadas pela sociedade e que pensaram  
que nunca se curariam desta dor.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais Sofia Bezerra Coelho da Rocha Lima e Adriano da Rocha Lima, eu agradeço por sempre terem incentivado a educação e por terem feito tudo para que eu sempre pudesse ter acesso ao melhor ensino possível. Obrigada por serem pacientes comigo e por me aconselharem e me ouvirem sempre que preciso. Ao meu namorado Luis Fernando Silva Nascimento, eu agradeço a eterna parceria e companheirismo.

Agradeço também aos meus colegas do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás, Amanda Rosa da Silva Nunes e Victor Guimarães Rosa que me assistiram durante as gravações de algumas das entrevistas.

A Juliana Bento dos Santos eu agradeço por ter aceitado a aventura de editar um documentário em tempo recorde e mesmo assim ter entregado um trabalho muito satisfatório. Também agradeço a querida delegada Ana Paula Machado que concedeu informações para o trabalho escrito.

A minha supervisora de estágio Gabriela Lima, eu agradeço por ter sido a minha tutora e praticamente uma professora particular de Jornalismo. Agradeço a confiança, paciência e todos os ensinamentos durante todo o período que estive no Jornal O Popular. Sem você eu com certeza não teria me tornado a profissional que sou hoje.

Por fim, agradeço, em especial, a minha orientadora Professora Doutora Eliani Covem, por toda a sua gentileza, paciência e maestria na condução deste trabalho. Obrigada por me manter firme do início ao fim.

*No dia em que for possível à mulher amar em sua força, não em sua fraqueza, não para fugir de si mesma, mas para se encontrar, não para se demitir, mas para se afirmar, nesse dia o amor se tornará para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal.*

Simone de Beauvoir

**RESUMO:**

O filme Sussurro – Uma luta contra o silenciamento feminino, aborda a violência contra a mulher e utiliza a técnica cinematográfica documental da entrevista para aprofundar nas histórias de violência vividas pelas quatro vítimas que são personagens desta narrativa. Composto o filme, duas especialistas, uma psicóloga clínica e hospitalar e uma professora feminista e ativista pelo direito das mulheres, se debruçam sobre o tema e esclarecem questões importantes. A reflexão sobre a violência contra a mulher se faz necessária e urgente, para o combate de prática tão aviltante, para devolver a dignidade às mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** violência contra a mulher, vítimas, direitos das mulheres, dignidade humana.

**ABSTRACT:**

The film Whisper – A fight against female silencing, addresses violence against women and uses the documentary film interview technique to delve into the stories of violence experienced by the four victims who are characters in this narrative. Composing the film, two experts, a clinical and hospital psychologist and a feminist professor and activist for women's rights, focus on the topic and clarify important issues. Reflection on violence against women is necessary and urgent, to combat such a degrading practice, to restore dignity to women.

**KEY WORDS:** violence against women, victims, women's rights, human dignity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>11</b>
<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. Documentário.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Documentário – Conceitos e teorias.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Técnica de produção do documentário.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2.1 Roteiro .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2.2 Produção.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2.3 Pesquisa .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2.4 Pré-entrevistas .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2.5 Pesquisa de campo.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.6 Principais documentaristas.....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 História do documentário no Brasil.....</b>	<b>17</b>
<b>2.0 O que é ser mulher? .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 A dominação masculina e o patriarcado .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 O feminismo. ....</b>	<b>24</b>
<b>2.3 A Violência contra a mulher .....</b>	<b>25</b>
<b>2.4 Tipos de violência contra a mulher .....</b>	<b>26</b>
<b>2.5 A Violência contra a mulher em Goiás.....</b>	<b>27</b>
<b>2.6 O perfil do agressor .....</b>	<b>28</b>
<b>2.7 Medidas a serem tomadas após a violência. ....</b>	<b>29</b>
<b>2.8 O sofrimento em palavras.....</b>	<b>31</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>34</b>
<b>MEMORIAL.....</b>	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO III. ....</b>	<b>36</b>
<b>DESCRIÇÃO DO PRODUTO. ....</b>	<b>36</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta, por meio do cinema documental, um produto que representa um pouco da realidade violenta e desigual que as mulheres enfrentam no Brasil. O filme *Sussurro – uma luta contra o silenciamento feminino* aborda, por meio de personagens reais, a violência contra a mulher.

Ao refletir sobre a realidade brasileira, constata-se que a violência contra a mulher se tornou algo cotidiano. É quase unânime a ideia de que toda mulher conhece alguma outra próxima que já sofreu alguma violência; seja ela sexual, moral, física, patrimonial ou psicológica.

De acordo com Maciel (2011), o jornalismo é uma profissão marcada pelas pressões do tempo e do espaço, por isso, a condição de convivência mais demorada com os seus personagens para entender com mais apuro as suas motivações, atitudes e modelos de mundo é bastante prejudicada no cotidiano das redações jornalísticas.

De fato, o documentário permite que o personagem se debruce sob determinado assunto de forma mais íntima e humanizada, sem o viés engessado e excessivamente objetivo que o jornalismo busca ter. Sobretudo, sem a imparcialidade que é buscada nos grandes jornais e emissoras. Neste tipo de produto, o que importa é a narrativa construída pelo personagem e não pelo editor ou pela empresa que determina os critérios de noticiabilidade e a linha editorial.

Na arte, os critérios são outros e a linha editorial é subjetiva. O que importa é contar uma história que se sustente e que, de alguma forma, impacte a sociedade e faça com que ela sofra alguma mudança, mesmo que muito pequena. Aos poucos, a mentalidade de um grupo social evolui e a convivência se harmoniza.

O filme apresentou seis personagens, entre elas, duas falam sobre a violência contra a mulher no aspecto da Psicologia e da Psicanálise, e a outra traz um viés mais político e ativista para o tema. As outras quatro personagens são mulheres que sofreram algum tipo de violência contra a mulher, sendo duas vítimas de violência física; uma de violência psicológica e a outra de violência moral.

Cada mulher tem sua história de vida, mas muitas delas têm uma coisa em comum: a violência de gênero. Elas sofreram uma violência apenas por serem mulheres, já que, se elas fossem do sexo masculino, as violências não teriam acontecido, ou, não teriam a mesma proporção.

É fundamental entender que as mulheres fazem parte de um grupo marginalizado da sociedade e que, por isso, precisam de muita atenção e cuidado. O machismo e o patriarcado continuam causando feridas profundas e as mulheres seguem sofrendo as consequências desse sistema até hoje.

Por isso, este filme documentário busca enfatizar a importância desse tema e expor a violência latente que ainda é muito presente no Estado de Goiás.

No trabalho escrito, a autora deste trabalho procurou abordar a violência contra a mulher a partir de suas raízes, já que, a mulher só é vítima de violência porque está inserida em um sistema patriarcal e sexista, que permite que a violência seja feita de forma invisível, fazendo com que elas sejam silenciadas e sofram sozinhas.

Autoras como Simone de Beauvoir, Gerda Lerner, Judith Butler, Betty Friedan e Bell Hooks foram citadas ao longo do trabalho e foram fundamentais para construir uma contextualização bem fundamentada sobre o tema.

A autora também realizou uma entrevista com a delegada de polícia e Gerente de Comunicação da Polícia Civil de Goiás, Ana Paula Machado, que respondeu perguntas e esclareceu dúvidas sobre a legislação e os direitos da mulher após sofrer uma violência.

## CAPÍTULO I

### REFERENCIAL TEÓRICO

#### 1. Documentário

O Cinema, do latim Kinéma, significa ato e movimento, que materializam na câmera e nas telas um olhar imagético sob o mundo. A indústria milionária que atualmente possui uma legião de admiradores e estudiosos, demorou algum tempo para se transformar no que se conhece nos dias de hoje. Ainda assim, o documentário é um dos principais gêneros cinematográficos e esteve presente desde o início. De acordo com Jorge (2010), o cinema nasceu documental. Desde 1895 com o filme *A chegada do trem na estação*, os irmãos Lumière captaram a realidade pelo olhar da câmera e iniciaram as produções da sétima arte.

O surgimento do cinema no final do século 19 marcou o início de uma era de predominância da imagem. Os filmes desenvolveram uma linguagem audiovisual que se tornou dominante no planeta e que foi assimilada pela televisão e pelas mídias eletrônicas. O padrão de organização de imagens e sons criados pela linguagem cinematográfica tem, então, influenciado nossas maneiras de conceber e representar o mundo, nossa subjetividade, nosso modo de vivenciar nossas experiências, de armazenar conhecimento, e de transmitir informações (CESARINO, 2005, p.17).

Para o autor, o cinema também nasceu documental. Motivado, sobretudo, pela pesquisa científica, o gênero buscava captar e estudar o homem e sua especificidade como estratégia para compreender a diversidade cultural e os avanços do mundo. Ao longo dos anos, documentaristas de diversas nacionalidades assumiram o papel de representar o mundo a partir de um recorte específico, que acompanha na maioria dos casos, debates sociais, políticos e culturais.

#### 1.1 Documentário – conceitos e teorias

Mas afinal, o que é documentário? Consolidado ao longo das décadas, o documentário atualmente é um gênero fílmico consagrado no cinema. Para Wainer (2010), conceituar este estilo fílmico não é uma tarefa fácil, já que não existe uma teoria que defina de fato o que é documentário, fazendo com que seus limites sejam incertos.

Para o autor, o gênero documental tem a função de movimentar nossa curiosidade frente ao desconhecido e ao diferente, atizando o nosso posicionamento no mundo. Mas, sobretudo, o documentário exige um olhar crítico. “Para um filme se classificar como documentário, ele deve mostrar uma atitude crítica em direção a algum aspecto da sociedade” (Rabiger, 1987 p.35).

Dentre as teorias que se destacam sobre o audiovisual, Freier e Lourdou (2009), consideram que a imagem animada se revela como um instrumento de pesquisa e destaca a importância da antropologia fílmica no desenvolvimento de novas perspectivas metodológicas e de pesquisa.

A teoria desses autores explica, principalmente, sobre a “descrição do visível”, na qual o filme documentário é capaz de ilustrar atividades quotidianas, rituais de aprendizagem profanos ou sagrados, situadas num espaço próximo ou distante, no mesmo contexto cultural ou em contextos culturais diferentes.

Da mesma forma, Ramos (2008) enxerga o documentário a partir de um viés ontológico, ou seja, pressupondo que o documentário representa um espelho da realidade e que a partir de indagações, inquietações e complexidades do momento atual, se lançasse ao passado para tentar compreender como o presente chegou a ser o que é hoje. Tornando assim o cinema documental um documento histórico-arqueológico tanto no âmbito nacional como internacional.

Nichols (2005), que atua como documentarista etnográfico, aborda as diferenças entre ficção e documentário na sua teoria. Convenções frequentemente utilizadas na ficção também podem ser vistas no documentário, como roteirização, encenação, reconstituição, ensaio e interpretação. Por outro lado, filmes de ficção utilizam com frequência elementos comuns em filmes de não ficção, como filmagens externas, não atores, câmeras portáteis, improvisação e imagens de arquivo.

Essa dualidade faz com que uma linha tênue exista entre a ficção e a realidade, permitindo que o documentarista seja capaz de mesclar elementos da ficção e do documentário para criar sua própria linguagem.

O autor também se aprofunda na temática dos documentários estabelecendo três histórias que se entrelaçam em todo documentário: a do cineasta, a do filme e a do público. Dessa forma, o autor acredita que todo filme possui uma razão para existir e uma história que se mistura com a narrativa do autor. Tais fenômenos acontecem com maior frequência em filmes documentários ou de vanguarda, do que nos longas-metragens comerciais.

Soares (2007), aborda, em seu texto, um tipo de documentário que se popularizou entre cineastas e estudantes de cinema: o documentário clássico. Este gênero se caracteriza por uma detalhada e calculada construção dos planos de filmagem articulados junto com a montagem, além de uma prévia planificação do filme na forma de roteiro cinematográfico. Alguns exemplos deste tipo de documentário podem ser encontrados na filmografia de John Grierson com os filmes *Night Mail* (1936) e *Fires were Started* (1943).

Nichols (2010) estudou e classificou os filmes documentários em seis modos: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. O filme *Sussurro – uma luta contra o silenciamento feminino* foi realizado segundo os parâmetros dos modos expositivo e reflexivo. Expositivo, considerando-se que as gravações foram realizadas segundo as técnicas do cinema direto e cinema verdade, que capta a realidade tal qual existe. Reflexivo porque traz pensamentos e considerações que são frutos de reflexão das próprias personagens e da diretora do filme, além de levar o espectador a refletir sobre as histórias de vida de mulheres que enfrentam tantos desafios para ter o respeito e a dignidade merecidos.

## **1.2 Técnicas de produção do documentário**

Todo produto audiovisual conta com três etapas de criação: Pré-produção, produção e pós-produção. A pré-produção é a fase inicial de desenvolvimento de um filme e exige que os realizadores pesquisem sobre o tema, escrevam o roteiro, encontrem atores, ou, no caso de um filme documentário, personagens. Além disso, na fase de pré-produção a equipe também encontra as locações para filmagem, define as diárias e organiza todos os documentos necessários para a realização do filme.

A etapa de produção, por sua vez, se trata da etapa de realização efetiva do filme, quando a equipe vai para o set de filmagem, seja ele para ficção ou documentário, e se une para realizar o trabalho. Dentro do set, estarão presentes o diretor, assistente de direção, produtor, captador de som, maquinista, logger, still, diretor de fotografia, diretor de arte, figurinista, maquiador, maquinista e continuísta. Possivelmente, o roteirista também pode estar presente no set, mas não é extremamente necessário.

A etapa final é a chamada de pós-produção. Nesta etapa o montador é a figura mais importante. Este é o profissional que vai editar e montar o filme a partir da decupagem e das orientações do diretor geral. Além disso, também será feito o design de créditos do filme, criação de pôster e a etapa de divulgação, que inclui enviar filmes para festivais e mostras de cinema e a divulgação do filme para o público e imprensa.

### **1.2.1 Roteiro**

Para criar filmes renomados e impactantes, os cineastas precisam estar atentos às técnicas que irão utilizar em seus documentários. O roteiro costuma ser a primeira etapa de um filme de ficção, já que determina qual será a narrativa daquela obra. No documentário, o roteiro também é de fundamental importância, mas funciona de uma forma um tanto diferente.

De acordo com Soares (2007), o roteiro de cinema é consequência da consolidação da atividade cinematográfica como atividade industrial, ocorrida nas primeiras décadas do século XX. O aumento da duração dos filmes, que passam de curtas-metragens para longas-metragens faz com que ocorra um crescimento do domínio de técnicas narrativas próprias para o cinema, fazendo com que esse modelo de escrita seja, até os dias de hoje, reconhecido e utilizado por realizadores audiovisuais.

Semelhante ao texto teatral, o modelo de escrita do roteiro de cinema foi desenvolvido e aperfeiçoado buscando atender às exigências do bom planejamento da produção, visando sempre a redução dos custos e a ampliação da margem de lucro na comercialização do produto.

O autor ainda destaca que, ao contrário do cinema ficcional, o cinema documental não se organiza em torno de um roteiro fechado escrito cena a cena com rubricas e diálogos. Na realidade, a escrita prévia de um roteiro se torna impossível, já que, num documentário convencional, conhecido como documentário direto, que exige o contato corpo a corpo entre cineasta e personagem, registrando eventos imediatos, não há como prever quais serão as falas dos personagens e nem as imagens interessantes e relevantes que irão surgir durante as filmagens. Entretanto, é importante ressaltar que o documentário tradicional no formato de entrevistas não é o único que existe. Em documentários pessoais com imagens de arquivo, documentários biográficos, documentários históricos ou até em documentário ficcionais, a escrita prévia do roteiro é imprescindível.

### **1.2.2 Produção**

Na etapa de produção, é fundamental que se encontre um suporte financeiro que viabilize a realização do projeto. De acordo com Soares (2007), são raras as vezes que documentários nascem da parceria entre documentarista (realizador) e produtor (patrocinador).

Partindo do pressuposto de que muitas vezes o filme documentário não se utiliza de roteiro, os diretores conseguem planejar o filme a partir do plano de filmagem e da apresentação do filme. Manuais de direção e produção de filmes documentários ingleses e americanos utilizam o termo *proposal* ao se referirem a um texto de apresentação do filme documentário. Isto serve para que os realizadores possam apresentar o filme para possíveis financiadores do projeto. Para tal, é importante destacar a concisão e a objetividade do texto, de forma que a ideia fique clara, mas que, simultaneamente, consiga atrair os olhares dos produtores.

O autor destaca, ainda, que o mais desafiador é justamente conseguir transmitir por meio de um texto enxuto e objetivo, o domínio do assunto abordado, adiantando algo sobre a estrutura e

linguagem do filme, podendo, até, introduzir a proposta de filmagem que contém um resumo das principais sequências do filme.

A proposta de filmagem, por sua vez, é um documento que apresenta de forma concisa o tipo de documentário que o realizador tem em mente. Para tal, é necessário apresentar uma declaração inicial com título e assunto do filme, além de sua duração aproximada; breve apresentação do assunto para introduzir o leitor ao tema do projeto como justificativa para fazê-lo perceber a importância de se fazer o filme; estratégias de abordagem, estrutura e estilo que detalhem quais serão os pontos de vistas contemplados no filme, a forma de abordagem do assunto, a linguagem narrativa e estilística e até o tratamento de som e imagem; cronograma de filmagem; orçamento; público alvo; currículo do diretor, cartas de apoio e recomendação, e anexos com fotos, vídeos, mapas ou qualquer coisa que enriqueça a proposta.

### **1.2.3 Pesquisa**

Além da pesquisa inicial que consiste na busca de personagens, estudo e aprofundamento do tema do filme e a escolha do local de filmagem, a segunda etapa da pesquisa se inicia após a aprovação da proposta de filmagem, que deverá ser guiada a partir da primeira etapa, que serviu para definir as principais hipóteses para o documentário.

Há quatro materiais fundamentais para obter uma pesquisa de qualidade: material impresso, material de arquivo (filmes, fotos, arquivo de som), entrevistas e pesquisa de campo nas locações.

Soares (2007) aponta que seguindo estas quatro etapas, o cineasta deverá ler tudo aquilo que for possível sobre aquele tema; fazer um extenso levantamento de materiais de arquivo; fazer pré-entrevistas com todas as pessoas que possam estar envolvidas com o tema, além de visitar os locais de filmagem para se familiarizar com o espaço físico e com as pessoas que vivem ali.

### **1.2.4 Pré-entrevistas**

A etapa de pré-entrevistas é a responsável pelo primeiro contato entre o documentarista, ou sua equipe de pesquisadores com os possíveis participantes do filme. Esse momento é útil tanto para fornecer informações quanto para aprofundar informações previamente coletadas. Ela também pode ser útil na avaliação de possíveis personagens para participar do filme, avaliando sua história e sua articulação com a câmera.

### **1.2.5 Pesquisa de campo**

Segundo Soares (2007), mapear e fazer um cuidadoso estudo das locações pode ser útil para prevenir possíveis imprevistos que podem acontecer durante as filmagens. São eles: iluminação inadequada; ambiente barulhento e com muito ruído externo; obstáculos naturais; resistência de comunidades locais e risco a integridade física da equipe.

Visitas antecipadas às locações de filmagem servem também para definir equipamentos necessários para cada locação, tamanho da equipe técnica mais adequado à cada situação e para se ambientar com o local de filmagem.

### 1.2.6 Principais documentaristas

Eduardo Coutinho, por exemplo, um dos principais cineastas e documentaristas brasileiros, possuía um método específico e bastante produtivo para o desenvolvimento de seus filmes documentários. A forma como construía seus personagens, algo tão importante para os jornalistas, era, sem dúvidas, sua maior destreza.

De acordo com Costa (2017), em *Theodorico, imperador do sertão* (1978), Coutinho faz com que Theodorico se torne um marco na sua carreira, justamente por permitir que um personagem tão controverso apresente seus pontos de vista e opiniões sem que sofra cortes e edições finais. O diretor permite que o personagem se expresse da maneira mais sincera e original, sem pressioná-lo com perguntas ambíguas ou acusações.

Esta mesma característica pode ser percebida em outros documentários ao longo da carreira do cineasta. Todos os seus filmes contam histórias muito profundas que são construídas a partir da narrativa de seus personagens. Por este mesmo motivo, a equipe de Coutinho sempre fazia uma pré-seleção de personagens e escolhia apenas aqueles que possuíam as histórias mais interessantes.

Dziga Vertov é outro documentarista que, a partir de seu cinema, construiu uma nova visão da montagem na produção dos filmes, criando novas visões da realidade; o seu filme *Um Homem com Uma Câmera* (1929), traz uma espécie de síntese de seu pensamento e tornou-se referência para muitos cineastas que vieram depois dele (BARBOSA).

Robert Flaherty também contribuiu para o estabelecimento de uma linguagem para o documentário e com seu filme *Nanook of the North* (1922), trouxe inovações no aspecto da representação e é considerado uma das maiores referências de documentário etnográfico, que é um gênero do cinema documentário em que etnólogos investigam, estudam e filmam determinados grupos da sociedade humana.

### 1.3 História do Documentário no Brasil

O cinema chega ao Brasil no ano de 1896, primeiro com exibições no Rio de Janeiro e depois em São Paulo, seguindo para outras cidades importantes. De acordo com Gonçalves (2006), a novidade integrou espetáculos de teatro de variedades e dos cafés-concertos. A primeira sala fixa de exibição estava localizada no Rio de Janeiro e tinha como principal dono um imigrante italiano chamado Paschoal Segreto.

De acordo com Altafini (1999), a primeira tomada feita no Brasil foi em 19 de julho de 1898 por Afonso Segreto, irmão de Paschoal Segreto, donos de salas de cinema e teatro e um dos maiores promotores de entretenimento do Rio de Janeiro e de São Paulo na época. Afonso fez a tomada voltando da Itália a bordo do navio Brésil, onde teria ido a mando do irmão comprar novos equipamento e filmes cinematográficos.

O primeiro plano cinematográfico realizado no Brasil foi a chegada de um navio na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. Depois desta primeira experiência, os irmãos começaram a registrar regularmente os acontecimentos cívicos e a elite brasileira.

Para Vieira (2006), o documentário brasileiro começou a se tornar importante, atingindo a terminologia de clássico, a partir dos anos 1960. Foi nesta época que os filmes começaram a ter um viés ideológico mais aparente, sobretudo pelo avanço do Cinema Novo, um movimento cinematográfico que se inspirou no Neo-realismo Italiano e na Nouvelle Vague Francesa, movimentos internacionais de cinema que buscavam inovações na linguagem cinematográfica.

Nestes anos, anteriores ao golpe militar de 64, os temas abordados em filmes como *Viramundo* (1965) de Gerardo Sarno e *Maioria Absoluta* (1964/66) de Leon Hirszman são exemplos da época que trazem temas sociológicos e políticos relevantes. Estes, em específico, tratam respectivamente sobre os migrantes nordestinos e a classe média urbana, que desconhece os problemas agrários do país.

Durante estes primeiros anos de realização de cinema documentário, havia um método específico para construção da narrativa: as sequências são encadeadas de modo que misturam a análise do fenômeno com a evolução da ação. Dessa forma, a linguagem e o discurso deveriam representar o real, não se colocando como uma representação ou elaboração.

Segundo Vieira (2006), com a chegada dos anos 70, a indústria cultural se expandiu e, conseqüentemente, o consumo de bens simbólicos também aumentou. Isso fez com que realizadores e críticos precisassem redefinir as características estéticas e políticas do cinema brasileiro, rearticulando esquemas de produção e projetos culturais. A tendência dessa época foi, portanto, a

parceria, até então inédita, entre cineastas e as redes de televisão. Por conta da censura feita pela Ditadura Militar, muitos cineastas almejavam a possibilidade de trabalho em algumas emissoras e, aos poucos, se estabeleceu o “padrão Globo de qualidade”, fazendo com que as ideias de miséria e atraso econômico e cultural começassem a diminuir.

Nos anos 80, o documentário deixa de propagar um discurso panfletário e passa a ser mais analítico e delimitado. Um exemplo é o documentário *Cabra Marcado para Morrer* (1984), de Eduardo Coutinho, que é um dos filmes brasileiros mais reconhecidos do gênero até os dias atuais.

Para Altafini (1999), foi justamente neste período que os documentários conseguiram se afirmar no próprio gênero, graças ao advento da televisão, que fez essa categoria cinematográfica se tornar mais popular. Na Europa e nos EUA, canais de televisão, principalmente a cabo, começaram a se especializar em documentário. Aos poucos, canais mais convencionais também começaram a se interessar pelo gênero.

De acordo com Vieira (2006), ao trabalhar com vestígios, com a fragmentação dos fatos e com a memória, Coutinho recupera o passado, reconstitui o presente e espera o futuro. O realizador participa da narrativa, vivendo sua história, não só atrás da câmera, como também na frente dela, participante e presente junto com os outros personagens. É a primeira vez, na história do documentário no Brasil, que o cineasta se assume enquanto ponto de vista.

Outros filmes, nessa mesma década, trazem à tona o período do golpe militar, como: *Os Queixadas* (1978) de Rogério Correia, traz a história do proletariado urbano e *Greve* (1979), de João Batista de Andrade e *Dia Nublado* (1979), de Renato Tapajós, abordam a greve dos metalúrgicos de São Bernardo, em 1979.

Nesta década, outra corrente que se popularizou foi a do vídeo independente. Esse produto audiovisual representava os avanços tecnológicos da época e um desejo dos cineastas recém-formados de aplicar a imagem eletrônica na cultura. Ainda com o intuito de buscar a realidade, o videodocumentário manteve as características básicas do gênero, como pesquisa e entrevistas, mas foi incorporado como um formato inovador, prático e de baixo custo.

Já no final da década, em 1989, surge o programa televisivo “Documento Especial”, produzido e dirigido por Nelson Hoineff, que transitava entre a reportagem e o documentário, buscando levar a realidade das ruas para a TV. Neste mesmo período, Walter Salles, um dos principais cineastas brasileiros, inicia sua carreira.

Apesar de ser muito conhecido por seus filmes de ficção, como *Central do Brasil* (1998) e *Ainda Estou Aqui* (2024), Salles iniciou sua carreira na produção televisiva e com os documentários

*Japão, uma Viagem no Tempo* (1986) e *Franz Krajcberg – o Poeta dos vestígios* (1987). Ele também produziu as séries *China, o Império do Centro* (1987) e *América* (1988), que seriam dirigidas por seu irmão, João Moreira Salles.

A década de 90, por sua vez, foi marcada como o ponto final entre a dualidade mundial do capitalismo contra o socialismo. Nessa época, todo o cinema brasileiro foi atingido pelas medidas do governo Fernando Collor de Mello, no começo da década, que extinguiu a Embrafilme (a estatal produtora e distribuidora de cinema pelo governo Collor), e destruiu qualquer possibilidade de sobrevivência para a produção nacional. A produção documental brasileira permaneceu graças a possibilidade da gravação em vídeo e exibição em alguns restritos canais de TV educativos (ALTAFINI).

Altafini destaca, ainda, que a partir de meados da década de 1990 com a introdução do sistema de televisão a cabo no Brasil, os cineastas documentaristas brasileiros começaram a considerar o espaço televisivo como o destino para as suas produções audiovisuais. Isso cresceu ainda mais com o surgimento de canais especializados e a maior possibilidade de venda de produções para canais estrangeiros.

Diferentemente do cinema brasileiro de ficção, a produção documental não sucumbiu à crise que marcou a passagem dos anos 80 para os 90, com a extinção da Embrafilme. Com a retomada do cinema brasileiro, a prática documental ganha impulso, primeiramente com o barateamento e a disseminação do processo de feitura dos filmes em função das câmeras digitais e, especialmente, da montagem em equipamento não-linear (LINS e MESQUITA, 2008).

O final da década de 1990 foi especialmente marcante para o documentário brasileiro, já que, a produção de filmes estava crescendo, com o interesse do público e da crítica especializada cada vez maior. Entre os destaques, estão: *Nós que aqui estamos por vós esperamos*, de Marcelo Masagão, que atinge um público de quase 59 mil espectadores; *Santo Forte*, de Eduardo Coutinho, que chega a quase 19 mil; e *Notícias de uma Guerra Particular*, de João Moreira Salles, exibido em vários festivais e em um canal de televisão com grande repercussão. Todos eles tiveram sua estreia no final da década, no ano de 1999.

O cineasta Eduardo Coutinho, um dos maiores documentaristas do Brasil, realizou o filme *Cabra marcado para morrer* (1984) em plena ditadura, pois as filmagens começaram em 1964 e foram paralisadas pelos militares. Vinte anos depois, Coutinho retoma o filme, que é considerado pela Academia Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) como um dos melhores filmes brasileiros de

todos os tempos. Cabra marcado conta a história do líder camponês João Pedro Teixeira, assassinado em Pernambuco por latifundiários da região em 1962 (GOMES, 2023).

Nos filmes seguintes Coutinho entrevistava pessoas desconhecidas do público e fez os documentários como “Santa Marta- Duas Semanas no Morro” (1987), mostrando os moradores do Morro de Santa Marta no Rio de Janeiro. O filme “Boca de Lixo” (1992), traz a rotina dos catadores de material reciclável no lixão de Itaoca. O filme Jogo de Cena (2007), traz em sua narrativa histórias de vida de mulheres cariocas. Últimas Conversas (2014), que Coutinho entrevistou estudantes de uma escola pública do Rio de Janeiro, foi gravado antes de sua morte, em 2014. O filme foi finalizado pela montadora Jordana Berg e pelo diretor João Moreira Salles.

Democracia em Vertigem (2019), da diretora Petra Costa, mostrou a polarização política que se instalou no Brasil a partir do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, da prisão do então ex-presidente Lula e da eleição de um candidato de extrema direita em 2018, Jair Bolsonaro, com reflexões sobre os caminhos da democracia no país.

O documentário “Somos Guardiões” (2023), dirigido por Chelsea Greene, Rob Gobman e Edivan Guajajara, com produção que conta com nomes internacionais, como o ator Leonardo Di Caprio, tem como principais personagens alguns indígenas e pessoas comuns da região, que lutam para preservar a Floresta Amazônica. O filme denuncia casos de desmatamento e mineração ilegal e chama a atenção para a urgente necessidade de enfrentar esse desafio de preservação da floresta, que hoje é um dos elementos importantes da reversão da crise climática no mundo.

## 2. O que é ser mulher?

Para entender melhor o tema e porque ele está tão presente na sociedade, é preciso primeiro compreender a desigualdade de gênero e o machismo que permeiam nosso cotidiano. A princípio, é necessário compreender a mulher enquanto indivíduo.

Os conceitos básicos entre feminino e masculino podem parecer pequenos perto de todos os estudos e teorias que existem por trás do tema. Entretanto, é essencial um aprofundamento nos conceitos biológicos antes de partir para as teorias sociais.

Para a biologia, o sexo se determina a partir de uma configuração genética. Os denominados cromossomos sexuais, na maior parte dos vertebrados e na espécie humana, no caso das fêmeas, se apresentam um par de cromossomos sexuais idênticos (XX), enquanto os machos possuem cromossomos diferentes (XY).

Para Simone de Beauvoir (1949) os principais questionamentos nas questões de gênero são: o que representa a fêmea no reino animal? que espécie singular de fêmea se realiza na mulher? Ao entender o conceito de fêmea para além de uma explicação biológica, compreende-se que para a estrutura animal, a fêmea sempre foi considerada submissa, frágil e sensível.

Quando os conceitos biológicos e sociais são unidos, as diversas questões contemporâneas sobre desigualdade de gênero se entrelaçam, enfatizando que a mulher deve ser a responsável por cuidar dos afazeres domésticos, cuidar do marido e dos filhos, sem desenvolver seus próprios conhecimentos científicos ou criatividade, apenas realizando tarefas repetitivas e desgastantes.

Ao partir para noção de gênero, de acordo com Butler (1990), haverá “um” gênero que as pessoas possuem, como se o gênero fosse um atributo essencial para definir o que uma pessoa é. Por isso, a pergunta “Qual é o seu gênero?” implicaria numa grande confusão para teóricas feministas, já que elas afirmam que o gênero é uma interpretação cultural do sexo, ou que o gênero é construído culturalmente. Portanto, qual é o modo ou mecanismo dessa construção? Se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação? (BUTLER, 1990).

## **2.1 A dominação masculina e o patriarcado**

Pierre Bourdieu (1998) considera que, para que a violência exista, o primeiro passo é uma relação de poder, que é exercida por aquele que é mais forte. Portanto, dominador e dominante compõem uma relação que se estabeleceu na sociedade há muitos anos, e que até hoje impõe uma diferença sociológica entre o masculino e o feminino.

Assim, ao longo da História, se instaurou o patriarcado, sistema social baseado em uma estrutura que favorece o homem sobre a mulher, sobretudo nos homens brancos, cisgênero e heterossexuais.

Também sempre vi na dominação masculina e no modo que é vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 1998 p.12).

Ao descrever a violência simbólica, o autor compreende que a dominação masculina encontra assim reunidas toda as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e

social, que confere aos homens a melhor parte. Eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais (BOURDIEU, 1998).

Para Lerner (1986), assim como os homens, as mulheres são e sempre foram sujeitos e agentes da história, uma vez que as mulheres são metade e às vezes mais da metade da humanidade. De acordo com ela, as mulheres são e foram peças centrais, e não marginais, para a criação da sociedade e a construção da civilização. Também dividiram com os homens a preservação da memória coletiva, que dá forma ao passado, tornando-o tradição cultural, fornece o elo entre gerações e conecta passado e futuro.

Historicamente falando, as conquistas femininas sempre foram diminuídas em relação as conquistas masculinas. Na ciência, por exemplo, Marie Curie nunca foi tão valorizada como Albert Einstein assim como, no cinema, Alice Guy-Blaché, a cineasta francesa responsável pela criação do primeiro filme narrativo de ficção da história do cinema, ainda possui, até os dias de hoje, um trabalho esquecido e desvalorizado e, muitas vezes, erroneamente atribuído a David Griffith, um outro cineasta da época.

Para Lerner (1986), o sistema de sexo/gênero era sempre entendido e estudado a partir de uma perspectiva do passado. Para a sociedade, a existência da dominação masculina era admitida como um fato e não como algo que deveria ser questionado ou subvertido. Portanto, qualquer prova contrária a este cenário seria apenas uma exceção à regra ou alternativa malsucedida.

Tradicionalistas, seja trabalhando sob uma ótica religiosa ou “científica”, consideraram a submissão das mulheres como algo universal, determinado por Deus ou natural, portanto, imutável. Assim, algo que não precisava ser questionado. O que permaneceu, permaneceu por ser o melhor; conseqüentemente, deve continuar assim (LERNER, 1986, p.43).

De acordo com a autora, a questão mais importante e significativa para os historiadores é: como, quando e por que a submissão feminina passou a existir? Por isso, antes mesmo de compreender o desenvolvimento histórico do patriarcado, é preciso rever os principais pontos de vista a respeito dessas três perguntas na discussão do assunto. Para ela, a resposta mais tradicionalista à primeira pergunta é que a dominação masculina é universal e natural. O argumento pode ser proposto em termos religiosos: a mulher é submissa ao homem porque assim foi criada por Deus.

Da mesma forma, conservadores aceitam o fenômeno da “assimetria sexual”, a atribuição de diferentes tarefas e papéis para homens e mulheres, algo observado em todas as sociedades humanas conhecidas, reiterando seu caráter “natural”. Eles argumentam que, se à mulher foi atribuída, por

planejamento divino, uma função biológica diferente da do homem, a ela também devem ser atribuídas diferentes tarefas sociais.

Para Hooks (2000), os homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar. Porém, esses benefícios têm um preço. Em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e oprimam, fazendo uso de violência, se precisarem, para manter o patriarcado intacto.

No âmbito do trabalho, a desigualdade de gênero e a opressão contra as mulheres é ainda maior. De acordo com Porto (2004), em estudos sobre a imigração e a industrialização no Brasil, o destaque da presença feminina nesse processo não é claramente descrito. No entanto, sabe-se que o número de crianças e mulheres imigrantes foi bastante significativo e que essa força de trabalho, barata e abundante, formou a base das nossas primeiras indústrias. Elas estavam presentes no setor de tecelagem e fiação, onde não havia muita mecanização; no entanto, não eram encontradas nos setores de metalurgia, calçados e mobiliário, com predomínio dos operários masculinos (RAGO, 1997)

Entretanto, a ascensão da mulher, no mercado de trabalho, não durou muito. As mulheres não foram progressivamente substituindo os homens; pelo contrário, elas foram expulsas das fábricas, proporcionalmente aos avanços da industrialização e à incorporação masculina como força de trabalho (RAGO 1997). A partir deste momento, dificuldades como variação salarial, intimidação física, assédio sexual e desqualificação intelectual, marcaram um novo capítulo da opressão feminina, onde o trabalho feminino era hostilizado dentro de seus próprios lares, no interior da família.

Para Friedan (1963), a ocupação de uma esposa como dona de casa causa um enorme vazio existencial e impede com que aquela mulher se insira no mercado de trabalho. Dentro do contexto estadunidense, a lógica capitalista e comércio voltado para o alto consumo e venda de produtos estava em sua grande parte destinado às mulheres, já que elas passavam mais tempo cuidando da casa e eram responsáveis por fazer as compras.

Por este motivo, o trabalho braçal e exaustivo nunca foi visto como algo feminino, mas, ironicamente, são as mulheres que sempre foram responsáveis por movimentar o mercado econômico.

De algum modo, em algum lugar, alguém deve ter percebido que mulheres comprarão mais coisas se forem mantidas como esposas e donas de casa subutilizadas, que têm um anseio inominável e energia para dar e vender (FRIEDAN, 1963, p.258).

Para a autora, o que aconteceu não foi uma conspiração econômica elaborada contra as mulheres, mas sim um subproduto de uma confusão generalizada entre meios e fins; apenas algo que aconteceu às mulheres quando o negócio de produzir e vender e investir em negócios para obter lucro – que não passa da maneira como nossa economia é organizada para atender às necessidades do homem de forma eficiente – começou a ser confundido com o propósito da nação e com a finalidade da vida, propriamente dita.

## 2.2 O feminismo

Afinal, por que o feminismo é um movimento tão estudado e comentado por teóricos e sociólogos que estudam a violência de gênero? Dos mais conservadores, é comum escutar que o feminismo é um movimento antirreligioso, de esquerda e totalmente radical feito por mulheres que odeiam homens, assassinam crianças e que não se depilam.

Na realidade, por definição, o feminismo é um movimento social e político de mulheres e para mulheres que desde o século XIX vem ganhando espaço em todo o mundo, promovendo mudanças políticas e sociais em benefício das mulheres e da sociedade como um todo.

Mesmo assim, dentro do próprio movimento existem diferentes vertentes e recortes sociais que fazem com que ele possua objetivos diferentes de acordo com o núcleo social, étnico e cultural das mulheres que fazem parte dele.

Para Friedan (1963), enquanto uma mulher norte-americana branca, heterossexual e cisgênero<sup>1</sup>, o feminismo naquela época tinha muito mais a ver com uma insatisfação que começava a surgir, mas que ainda não havia se estabelecido por completo. A ideia de que a mulher deveria ser uma dona de casa que arrumava camas, fazia compras e escolhia tecidos para forrar o sofá, parecia muito pouco perto de uma variedade extensa de possibilidades que existiam no cotidiano masculino. Essa insatisfação foi denominada por ela como “o problema sem nome”.

A autora elabora um conceito fundamental para compreensão da submissão da mulher: seu papel na sociedade. De acordo com ela, para Sigmund Freud, o pai da psicanálise, a mulher deveria se regozijar de sua própria feminilidade, fazendo, portanto, que a maternidade, a criação dos filhos, a amamentação, o cuidado com a casa e a “alegria” de ser mãe e esposa fossem suficientes para fazer uma mulher ser plena e feliz.

---

<sup>1</sup> Cisgênero é uma pessoa que se identifica com o gênero que está ligado ao seu sexo biológico. Exemplo: Homem se identifica com o gênero masculino e mulher se identifica com o gênero feminino (POLAKIEWICZ, 2021).

Segundo Hooks (1984), por outro lado, o feminismo é muito mais do que uma tentativa de livrar as mulheres brancas, de classe média e com ensino superior de uma vida monótona e sem liberdade. Por mais que essas pautas para época fossem revolucionárias e de grande relevância, a autora defende o feminismo da mulher negra e, sobretudo, da classe trabalhadora e das mulheres que não conseguiram sequer ter acesso à educação e tiveram que trabalhar desde cedo para se sustentar.

O feminismo continua sendo uma das frentes mais poderosas de luta por justiça social no mundo de hoje. Como grupo, as mulheres negras estão numa posição peculiar na sociedade, não apenas porque, em termos coletivos, estamos na base da pirâmide ocupacional, mas também porque o nosso status social é inferior ao de qualquer outro grupo. Isso significa que carregamos o fardo da opressão sexista, racista e de classe (HOOKS, 1984, p.26).

Para Hooks (1984) o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão. Portanto, o feminismo é uma luta pela igualdade de direitos e uma busca para, justamente, caminhar contra a segregação entre gêneros e entender que homens e mulheres merecem ter as mesmas oportunidades e o mesmo respeito.

No aspecto da violência contra a mulher, de acordo com Barsted (2006), desde a década de 1960, os movimentos feministas de diversos países foram responsáveis por trazer visibilidade social para as distintas formas de discriminações e de violência contra as mulheres, construindo uma agenda política que foi decisiva para a construção legislativa e doutrinária internacional. Essa agenda exigia que as mulheres fossem reconhecidas como sujeitos de direitos humanos, com necessidades específicas.

### **2.3 A Violência contra a mulher**

A violência doméstica e familiar contra a mulher é um fenômeno velado, já que muitas mulheres não têm coragem para denunciar o crime ou guardam a violência em segredo, para não ameaçar a família e o relacionamento. Tal atitude faz com que a dimensão real do problema seja ainda mais difícil de ser identificada.

Este tipo de violência já se tornou tão comum que passou a ser banalizada pela sociedade e até naturalizada pelo imaginário popular, como se uma mulher sendo vítima de uma violência já fosse algo esperado. Deixou de ser um escândalo e passou a ser uma narrativa comum, como se uma notícia de feminicídio, estupro ou violência doméstica fosse só mais uma notícia cotidiana, como qualquer outra.

Bunch (1991) entende que a violência contra a mulher tem também uma conotação política, na medida em que é o resultado das relações de poder, de dominação e de privilégio estabelecidas na sociedade em detrimento das mulheres. Para a autora, a violência contra as mulheres é mecanismo primordial para manter essas relações políticas na família, no trabalho e em todas as esferas públicas.

De acordo com Rose (2022), embora a atenção à violência contra as mulheres possa ser suscitada pela raiva do dano causado e por um desejo de reparação, ela pode estar se alimentando indiretamente das formas de perversão em relação à mulher que incitam a violência em primeiro lugar. Segundo ela, o assédio sexual existe desde que há um mundo do trabalho, ao passo que a violência sexual contra as mulheres remonta a uma época muito anterior. As feministas, conseqüentemente, defendem que o assédio ocorre sempre que as mulheres se encontram nas proximidades de homens em posição de poder. Ou seja, a violência está diretamente relacionada a uma relação de poder.

#### **2.4 Tipos de violência contra a mulher**

A Lei de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (Lei n.11.340), popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, é, atualmente, a principal lei de proteção à mulher. Sancionada em 7 de agosto de 2006, a lei entrou em vigor em setembro do mesmo ano.

A denominação homenageia a professora Maria da Penha Maia Fernandes, que teve sua história completamente modificada em 1983. Nesse ano, o economista Marco Antônio Heredia Viveros, seu marido na época, na tentativa de forjar um assalto, tentou matá-la pela primeira vez com o uso de uma espingarda, e lhe deu um tiro nas costas, que a deixou paraplégica. De acordo com a Lei Maria da Penha, estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher, identificados no capítulo 2º, artigo 7º, incisos I, II, III, IV e V.

A primeira é a violência física, que, inclusive, costuma ser a mais conhecida pelas pessoas. Este tipo de violência é entendido como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher, e pode ser caracterizado por espancamento; atirar objetos, sacudir e apertar os braços; estrangulamento ou sufocamento; lesões com objetos cortantes ou perfurantes, ferimentos causados por queimaduras ou armas de fogo e tortura.

A violência psicológica é considerada qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões. Este tipo de violência pode se caracterizar por: ameaças; constrangimento; humilhação; manipulação; isolamento (proibir de

estudar ou viajar ou de falar com amigos e parentes); vigilância constante; insultos; chantagem; exploração; limitação do direito de ir e vir; ridicularização; tirar a liberdade de crença; distorcer e omitir fatos para deixar a mulher em dúvida sobre sua memória e sanidade.

A violência sexual trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força. Este tipo de violência pode ser caracterizado por estupro; obrigar a mulher a fazer atos sexuais que causam desconforto ou repulsa; impedir o uso de métodos contraceptivos ou forçar a mulher a abortar; forçar matrimônio, gravidez ou prostituição por meio de coação, chantagem, suborno ou manipulação; limitar ou anular o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher.

A violência patrimonial é entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades. Este tipo de violência pode se caracterizar por controlar o dinheiro; deixar de pagar pensão alimentícia; destruição de documentos pessoais; furto, extorsão ou dano; estelionato; privar de bens, valores ou recursos econômicos e/ou causar danos propositais a objetos da mulher ou dos quais ela goste.

A violência moral é considerada qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria e pode se caracterizar por acusar a mulher de traição; emitir juízos morais sobre a conduta; fazer críticas mentirosas; expor a vida íntima; rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre a índole e/ou desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir.

## **2.5 A violência contra a mulher em Goiás**

De acordo com matéria publicada no site oficial do governo federal feita pela Secretaria de Comunicação Social, até julho, foram 2,7 mil denúncias de violência contra a mulher feitas por meio do Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher (gov.br, 18 de agosto de 2024).

O Ligue 180 é um dispositivo central na estratégia de enfrentamento da violência contra a mulher no país, e, em 2024, até o mês de julho, já recebeu 84,3 mil denúncias, volume que equivale a um aumento de 33,5% em relação ao mesmo período em 2023. Em Goiás, a Central registrou 2.795 denúncias – um aumento de 52,4% em relação ao mesmo período do ano passado.

A pesquisa revelou que, entre as denúncias realizadas, 1.711 foram apresentadas pela própria vítima, enquanto em 1.081 o denunciante foi uma terceira pessoa. A casa da vítima ainda é o local onde mais situações de violência são registradas. Em Goiás, 1.246 denúncias tinham este contexto.

O maior número de denúncias está relacionado à violência contra mulheres entre 30 e 34 anos. São as mulheres negras as vítimas mais frequentes nas denúncias, (1.718 são pretas ou pardas) e são os seus esposos e companheiros (ou ex-companheiros) aqueles que mais cometem atos violentos.

Em contrapartida, a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás publicou uma matéria no site do governo de Goiás em 4 de setembro de 2024, alegando a realização de uma operação durante o período de 1º a 29 de agosto deste ano. A Operação Shamar é articulada pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP); Ministério das Mulheres; e Secretaria Nacional de Segurança Pública, a operação visa, especialmente, o combate da violência doméstica familiar contra a mulher e do feminicídio, além de outros crimes, como patrimoniais e psicológicos (REDAÇÃO DA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE GOIÁS, 2023).

Outra matéria aponta que dados do Observatório da Secretaria de Segurança Pública do estado de Goiás, divulgados em julho de 2024, revelam que os números de feminicídios tiveram redução de 37,5% no estado. De acordo com a matéria, as informações são referentes ao primeiro semestre deste ano, comparado com o primeiro semestre de 2023. Em 2024, foram registrados 20 casos, enquanto neste mesmo período em 2023, foram 32 (REDAÇÃO DA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE GOIÁS, 2024).

A Polícia Militar de Goiás (PMGO) realizou no primeiro semestre de 2024, 97.804 acompanhamentos de medidas protetivas, o que representa um aumento de 338% em relação ao mesmo período de 2023, que registrou 28.707 (REDAÇÃO DA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE GOIÁS, 2024).

## **2.6 O perfil do agressor**

A violência contra a mulher é tão perigosa justamente porque está associada ao processo de submissão da vítima e dependência emocional de seu agressor. Por esse motivo, os casos mais recorrentes vêm daqueles que deveriam ser os protetores das mulheres, daqueles que têm sua confiança e sabem cada detalhe de sua vida.

De acordo com Leite *et al* (2019), a violência contra a mulher tem sido cometida indiscriminadamente, sobretudo no ambiente familiar, cuja invisibilidade é favorecida pela ocorrência no próprio espaço privado.

Ainda, quando se trata das relações sexuais, o parceiro íntimo destaca-se como um dos principais perpetradores. Neste contexto, a mulher acaba se acostumando a vivenciar relacionamentos

baseados em comportamentos agressivos por parte do companheiro, que culminam em danos físicos, sexuais ou psicológicos, e podem, inclusive, acompanhar comportamentos controladores e obsessivos por parte do agressor.

Segundo a Organização Mundial de Saúde e a Organização Pan-Americana da Saúde, (OPAS, 2024), uma em cada três mulheres e meninas de 15 a 49 anos nas Américas sofreram violência física e/ou sexual por um parceiro ou violência sexual não-parceira. Uma em cada quatro mulheres e meninas com 15 anos ou mais nas Américas já sofreram violência física e/ou sexual por parte de um parceiro, e uma em cada oito mulheres e meninas com 15 anos ou mais nas Américas sofreram violência sexual por parte de um não parceiro.

No Brasil, estudo da base populacional mostrou que 43% das brasileiras declararam ter sofrido violência praticada por um homem na vida; um terço admitiu ter sofrido alguma forma de violência física, 23% sexual e 27% psicológica.

Os autores apontam, ainda, que a literatura destaca a maior ocorrência de violência entre mulheres cujos parceiros estão desempregados, possuem baixa escolaridade, são usuários de álcool e drogas e testemunharam a violência na família. Além disso, percebe-se que as crises de ciúme têm aparecido como causa de violência contra a mulher, tornando claro o quanto as questões culturais e de gênero estão associadas a perpetuação destes crimes.

## **2.7 Medidas a serem tomadas após a violência**

Quando uma mulher sofre uma violência, o processo de recuperação nunca é fácil. As sequelas de uma violência podem ser eternas e, dependendo da gravidade do caso, podem modificar sua vida para sempre.

De acordo com site oficial da Justiça Federal, após sofrer uma violência, o primeiro passo que a mulher pode tomar é buscar uma rede de apoio, já que ela estará assustada e ainda processando tudo o que aconteceu. Por isso, neste momento é importante manter os amigos e familiares próximos. Se isso não for possível, também existe a opção de procurar organizações locais de apoio à mulher (JUSTIÇA FEDERAL, 2024).

Em Goiás, por exemplo, existem algumas opções, como: CEVAM (Centro de Valorização à Mulher) é um espaço que acolhe mulheres, adolescentes e crianças vítimas de violência doméstica, abuso sexual ou abandono e está localizado no Setor Norte Ferroviário II, na cidade de Goiânia; Casa Abrigo Sempre Viva é gerenciada pela Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres e tem por finalidade garantir a integridade física e/ou psicológica de mulheres em risco de morte e de suas filhas

e filhos – crianças e/ou adolescentes. A localização da Casa Abrigo Sempre Viva é sigilosa por motivos de segurança, mas a vítima pode ser atendida por meio da Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência, basta discar o número 180 (CEVAM e CASA ABRIGO SEMPRE VIVA, 2024).

Na Cidade de Goiás, há o Centro de Atendimento à Mulher Brasilete Ramos Caiado em Goiás. O CEAM é um espaço de orientação e apoio, principalmente às mulheres que estejam em situação de violência doméstica. Nele, são prestados atendimentos social, psicológico e jurídico. O espaço está localizado no Setor Carmo, n.1, esquina com rua da Abadia. Em Anápolis, por sua vez, há o CRAM – Centro de Referência de Atendimento à Mulher e, em Valparaíso de Goiás há o CIAM – Centro Integrado de Atendimento à Mulher.

Depois de buscar ajuda, é importante procurar a justiça, para que o processo de denúncia seja feito. Os crimes contra a mulher podem ser denunciados em qualquer delegacia ou por meio da Central de Atendimento à Mulher, no número 180, para obter apoio imediato e orientações de como proceder. Para um atendimento mais especializado, é mais recomendado procurar uma DEAM – Delegacias Especializadas da Mulher, que estão espalhadas em diversos municípios do estado. Elas terão o melhor preparo e conduta nesses casos.

De acordo com Ana Paula Machado, delegada da Polícia Civil de Goiás, a vítima de violência física e sexual, em específico, deverá procurar a delegacia de polícia mais próxima para registrar o boletim de ocorrência e ser encaminhada pelo(a) delegado(a) de polícia para a realização de exames periciais, atendimento médico, solicitação de medidas protetivas de urgência e abrigo, se for necessário.

Segundo ela, não há um prazo estipulado para denunciar a violência sofrida. Contudo, em casos envolvendo crimes sexuais, recomenda-se realizar o exame pericial em até 72 horas da ocorrência do fato visando coletar material biológico (esperma, sangue) para exames de DNA e confronto com o material genético do agressor, quando for o caso. Visando a preservação das provas, orienta-se procurar uma delegacia de polícia, o quanto antes, para adoção de todas as providências.

O exame de corpo delito é bastante comum em casos de violência física e sexual e, de acordo com a Delegacia de Polícia Civil de Goiás, o exame é necessário em todos os crimes que deixam vestígios, como nos casos de violência física e crimes sexuais. Por mais invasivo e desconfortável que seja o exame, sua realização é fundamental e a participação da vítima no processo de investigação é importante para formação de elementos e informações, junto ao inquérito policial, necessários para

garantir a punibilidade do autor. Nos casos da impossibilidade do comparecimento da vítima para denunciar os fatos, a notícia poderá ser feita por qualquer pessoa que tenha conhecimento do crime.

Durante o processo, a autoridade policial deverá ouvir a ofendida, lavrar o boletim da ocorrência e, com a inovação da Lei Maria da Penha, a medida protetiva é obrigatoriamente expedida no momento da denúncia. As medidas protetivas de urgência serão concedidas independentemente do tipo penal da violência, de ajuizamento de ação penal ou cível, da existência de inquérito policial ou de registro de boletim da ocorrência.

A Patrulha Maria da Penha, formada por guarnições mistas de Policiais Militares, garante que as determinações judiciais sejam cumpridas e, ainda, vai periodicamente até o domicílio da vítima para acompanhar a situação de perto e garantir que o agressor está cumprindo a medida. Caso a medida não esteja sendo cumprida, outra denúncia pode ser feita e o agressor pode receber outras penalidades. Essas medidas protetivas irão perdurar enquanto for mantido risco à saúde física, psicológica e moral da mulher.

Previstas nos artigos 22 ao 24 da Lei n. 11.340 – Maria da Penha, são elas: Afastamento do agressor do lar ou local de convivência; fixação de limite mínimo de distância que o agressor fica proibido de ultrapassar em relação à mulher; suspensão da posse ou restrição do porte de armas, se for o caso; proibição do agressor de entrar em contato com a mulher, seus familiares e testemunhas, por qualquer meio; restrição ou suspensão de visitas aos dependentes menores, depois de ouvida a equipe de atendimento multidisciplinar ou serviço militar; pagamento de pensão alimentícia provisional ou alimentos provisórios.

Quanto ao procedimento jurídico, é possível contratar um advogado especialista em atuação nesses casos para guiar a cliente por meio do processo jurídico. Também é possível recorrer à Defensoria Pública, que é uma instituição que presta assistência jurídica gratuita às pessoas que não podem pagar um advogado. Qualquer pessoa que receba até três salários-mínimos por mês ou possa comprovar que, mesmo recebendo mais, não tem condições de pagar um advogado particular, tem direito de ser atendido.

## **2.8 O sofrimento em palavras**

No filme *Sussurro – uma luta contra o silenciamento feminino*, gravado em Goiânia, Estado de Goiás, mulheres que sofreram algum tipo de violência se posicionaram frente às câmeras e narraram suas histórias. Luciana (2024)<sup>2</sup> conta que, no começo do relacionamento foi até tranquilo.

Logo depois começou os atos de obsessão, ciúme obsessivo. Eu comecei a ser proibida em tudo, vigiada em tudo, eu não tinha liberdade no meu telefone, tudo era rastreado. Então, ele foi começando a mudar aos poucos, mostrar diferença comigo e aí com o passar do tempo começou, infelizmente a violência né? Física. Tive que trocar as minhas vestes, já não pude vestir mais o que eu vestia, não podia sair sozinha, começou o impedimento de visitar minha família, meus próprios filhos, não ter mais amizade, devagarinho foi mostrando isso né? Aí depois virou infelizmente uma obsessão (LUCIANA, 2024).

Ana Flávia (2024)<sup>3</sup> foi vítima de violência moral, quando fotos dela, publicadas no Instagram foram parar em um site de pornografia. Ana Flávia fez há dois anos uma viagem com a família e amigos, publicando as fotos na rede social.

Eu comecei a receber mensagens dos amigos falando “Ana, acho que aconteceu alguma coisa de errado no seu Instagram”. Quando olhei me mandaram os links, vi que minhas fotos estavam sendo usadas em uma outra página, que tinha sido clonada e com as minhas informações: com meu nome, toda a descrição do meu perfil igual só que as minhas fotos de viagem estavam sendo utilizadas em um site de pornografia. Essas fotos e esse link com essa deturpação das imagens foram enviados para todos os meus amigos, para todas as pessoas com quem eu trabalho, para os meus chefes, para todas as pessoas que eu conheço inclusive meus pais. Depois descobri que era como o pessoal usa o termo de fishing, né? Para poder fisgar para golpes de internet (ANA FLÁVIA, 2024).

Com a Rosi Guimarães (2024) a violência foi mais grave. A perseguição de um rapaz começou na adolescência.

Em 1998 eu tinha 15 anos e um rapaz mais velho queria namorar comigo. Eu falei que não, que a gente poderia ser amigo, eu era muito nova, adolescente. E aí ele aparecia e sumia. Anos depois, numa festa, ele insistiu em falar comigo, disse que queria ter uma última conversa. Novamente disse que não iria namorar com ele, poderíamos ser amigos. E aí, nesse momento, para se despedir de mim, ele se levantou para sair e sacou uma arma e me deu dois tiros à queima-roupa. Não pegou fatalmente né graças à Deus, até hoje os médicos falam que nem a ciência explica, porque foi bem de frente. O tiro entrou no meu rosto, mas, no movimento que eu fiz, desviou e aconteceu de não ser fatal (GUIMARÃES, 2024).

Elisa Garcia (2024) foi vítima de violência psicológica por vários anos praticada pelo namorado, durante o final da sua adolescência.

Ao longo do nosso relacionamento ele foi fazendo com que eu duvidasse de mim mesma, assim, intelectualmente. Ele fazia eu acreditar que as coisas que eu pensava e defendia não tinham embasamento nenhum e ele sabia mais do que eu e eu não sabia nada. Então eu sempre ficava esperando um respaldo por parte dele. Ele foi um dos primeiros namorados que eu

<sup>2</sup> Parte de entrevista transcrita do documentário *Sussurro – uma luta contra o silenciamento feminino*, 2024.

<sup>3</sup> Parte de entrevista transcrita do documentário *Sussurro – uma luta contra o silenciamento feminino*, 2024.

tive, então, para mim, foi importante ter essa validação. Na questão da auto-estima também ele sempre fazia eu pensar que eu não era boa o suficiente ou que eu não era bonita o suficiente para ele. Ele também tinha amizade com mulheres e ele ficava estimulando uma competição entre nós (GARCIA, 2024).

Para a psicóloga Sheila Costa (2024), normalmente as vítimas desses tipos de violência resistem, as vezes não entendem de fato que foi um abuso, não conseguem legitimar de cara a violência que sofreu e demoram a se afastar do agressor por conta da dependência emocional que acabam desenvolvendo.

A dependência emocional se caracteriza pela ideia de que se eu me desvincular dele, eu vou perder tudo. Eu vou perder a minha segurança, eu vou perder quem cuida de mim. Muitas vezes essa dependência afetiva/emocional vem acompanhada de uma dependência financeira, o que dificulta ainda mais, caso tenha filhos aí ainda tem a dependência das crianças de uma situação confortável e segura no lar então isso também influencia na mulher conseguir se desvincular (COSTA, 2024)

A professora Lúcia Helena Rincon (2024)<sup>1</sup>, considera que a injustiça contra a mulher é algo muito maior do que as pessoas imaginam, e já está enraizada na sociedade.

As pessoas têm que compreender a situação de injustiça em dobro, em triplo, que as mulheres vivem na nossa sociedade e entender que isso é uma engrenagem que mantém o sistema de exploração de homens e mulheres e por isso precisa ser tratado na sua especificidade de ser mulher. Nesse sentido, nós entendemos que é fundamental que todas as mulheres tenham essa consciência e que, na medida que conseguirem que se integrem a esse processo de luta, mas que avancem em termos de sua consciência, mas que essa consciência, é dever também, inclusive dos homens que têm mais condições na nossa sociedade de chegar a essa consciência. (RINCON, 2024)

---

<sup>1</sup> Parte de entrevista transcrita do documentário Sussurro – uma luta contra o silenciamento feminino, 2024.

## CAPÍTULO II

### MEMORIAL

#### Catarina Coelho da Rocha Lima

Desde o início do curso de Jornalismo, em 2021, eu já sabia que meu Trabalho de Conclusão de Curso abordaria, de alguma forma, a mulher. As mulheres sempre fizeram parte da minha vida de uma forma muito significativa, sobretudo pela minha mãe, que sempre foi minha referência em todos os sentidos. Em fevereiro de 2023, após passar por uma violência sexual, eu tive a certeza de que queria abordar este tema.

Com o tempo, eu entendi que a violência contra a mulher não pode ser um assunto velado, precisa ser uma pauta que todos têm acesso, para que, cada vez mais, a gravidade da situação seja reconhecida pela sociedade. Por isso, minha ideia desde o início era fazer um trabalho bem completo, que tivesse um referencial teórico bem fundamentado e um filme que fosse impactante e que mostrasse, de forma real, como a violência contra a mulher é cruel e pode destruir completamente o emocional de uma mulher, caso ela não consiga encontrar formas de buscar ajuda, e de se tratar.

Estudar este tema a partir do viés jornalístico me gerou algumas reflexões. Algo que me incomoda na profissão, por mais que eu entenda a motivação disso, é que tudo precisa ser muito frio e sem emoção. Um jornalista pode dar a notícia de que uma mulher foi brutalmente assassinada sem sequer expressar o mínimo de tristeza ou compaixão. A dita “imparcialidade jornalística” pode ser muito cruel.

No trabalho escrito, desde que comecei, em fevereiro, com a indicação da professora Eliani, eu li vários teóricos do cinema documentário e comecei a delimitar qual seria a abordagem da minha pesquisa. Sabendo que iria falar sobre violência contra a mulher, decidi que iria me aprofundar na teoria feminista, no patriarcado e na dominação masculina, já que estes temas estão diretamente relacionados à submissão da mulher sob o homem.

Posto isso, queria, também, buscar formas eficazes de curar a mulher após sofrer uma violência tão brutal e traumática. Como a justiça pode ajudar? A quem a mulher pode recorrer? Como fica a saúde mental e física da mulher? Por quais etapas a mulher precisa passar após sofrer uma violência? Estas são algumas perguntas que busquei responder.

Ao iniciar as filmagens do documentário, não foi fácil encontrar personagens, já que o assunto é bem delicado e a maioria das mulheres não quer falar sobre isso. Meu papel enquanto mulher,

feminista e ativista pelo direito das mulheres, é respeitá-las ao máximo e, por isso, quando algumas mulheres que entrei em contato se recusaram a dar entrevista, eu não insisti.

Luciana, Rosi, Elisa e Ana Flávia foram as personagens do meu filme que foram vítimas de violência. Essas mulheres são extremamente corajosas e fortes e merecem muitos aplausos, pois aceitaram contar suas histórias apesar de todo julgamento que existe numa sociedade machista.

Falar sobre uma violência sofrida, por mais difícil que seja, ajuda muito outras mulheres que, conseqüentemente, começam a sentir coragem para também denunciar as violências que sofreram.

Fazer esse trabalho foi muito gratificante porque me trouxe um sentimento de justiça social, como se eu estivesse devolvendo a essas mulheres um pouco de dignidade depois de terem enfrentado tantas atrocidades.

## CAPÍTULO III

### DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A produção do filme *Sussurro – uma luta contra o silenciamento feminino* começou com as pesquisas sobre o tema da violência contra a mulher, por meio de algumas bibliografias, teses de mestrado e pesquisas científicas. Logo em seguida, a diretora e produtora iniciou a busca de personagens por meio de pessoas conhecidas, indicações e até divulgação nas redes sociais.

Antes das gravações, a diretora do filme escreveu um pré-roteiro, com perguntas pensadas para cada uma das personagens entrevistadas, com o objetivo de direcionar as falas e criar uma pré-narrativa para o filme.

Na dimensão técnica, o trabalho foi filmado com dois aparelhos diferentes: uma câmera Nikon D600 com uma lente de 75mm, e um aparelho celular da Apple, um iPhone 13 Pro. As imagens foram feitas, em sua maioria, com o tripé da marca Ulanzi, utilizado para estabilizar e fixar a câmera. Já as imagens feitas com o celular, foram com o aparelho na mão.

O áudio do filme também foi captado por meio de dois aparelhos: o aparelho celular da Apple, um iPhone 13 Pro e um microfone sem fio HollyLand Lark Max Duo, mais conhecido como lapela. Na fotografia, para iluminar as cenas, foi utilizada uma ring light de marca genérica e uma softbox.

Na pós-produção, a responsável foi a montadora Juliana Bento, que se responsabilizou por organizar as imagens na ordem prevista no roteiro, bem como a colorização do filme, ajuste de áudio e legendas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autora deste trabalho, além de cursar Jornalismo, também cursa Cinema e Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás e Música Popular na Universidade Federal de Goiás. Portanto, a arte já faz parte de sua vida cotidianamente. Mesmo assim, a autora nunca havia feito um filme exatamente da forma que imaginou, com uma concepção plenamente autoral. Por esta razão, a autora optou por realizar o trabalho sozinha, mesmo diante das possíveis dificuldades e escolheu abordar um assunto sensível, mas que considera extremamente importante.

Após um longo processo de pesquisa, entrevistas e a produção do filme propriamente dito, a autora concluiu que não existe uma solução fácil para violência contra a mulher. Reforçar o atendimento às mulheres vítimas, investimento do Estado em políticas públicas para mulheres, casas e abrigos para abrigar mulheres que precisam de proteção e mais instituições de apoio ao direito das mulheres são formas de diminuir o problema, mas, na prática, ele continua existindo.

Compreendendo que a questão de gênero é estrutural, a educação, sem dúvidas, pode ser uma forma mais eficiente de resolver o problema a partir de sua origem e tentar criar homens com uma concepção diferente da mulher. Para que talvez, em breve, os índices de violência contra a mulher diminuam exponencialmente.

A autora se orgulha do trabalho realizado e, sobretudo, se sente emocionada e privilegiada por ter tido acesso à educação de qualidade e poder estudar e se formar em uma das universidades mais reconhecidas do país, com uma equipe de professores qualificados e preparados para transmitir conhecimento da melhor forma possível.

## REFERÊNCIAS

- ALTAFINI, Thiago. **Cinema Documentário Brasileiro Evolução Histórica da Linguagem**, 1999. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Altafini-thiago-Cinema-Documentario-Brasileiro%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Altafini-thiago-Cinema-Documentario-Brasileiro%20(1).pdf). Acesso em: 22 maio 2024.
- BARBOSA, Allan Jones Araújo. **Cinema documentário: uma verdade (in)conveniente**, 2009. Monografia apresenta à Escola de Comunicação, curso de Jornalismo da Universidade |Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BARSTED, Leila, Linhares. O feminismo e o enfrentamento da violência contra as mulheres no Brasil. In: SARDENBERG, Cecília M.B., TAVARES, Márcia S. (Orgs.). **Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento** [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 17-40. Bahianas collection, vol. 19. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788523220167.0002> Acesso: em 24 set. 2024.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.
- BRASIL. **Lei n. 11. 340, de 7 de agosto de 2006**.
- BUNCH, Charlotte. Hacia una revisión de los Derechos Humanos. In: BUNSTER, X.; ENLOE, C.; RODRIGUES, R. (Org.). **La mujer ausente: derechos humanos en el mundo**. Santiago: Isis Internacional, 1991.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1990.
- CEVAM. **Centro de Valorização da Mulher**. 2024. Disponível em: <https://www.mulhersegura.org/preciso-de-ajuda/centro-de-valorizacao-da-mulher-cevam> Acesso em: 22w maio 2024.
- COSTA, Flávio Cesarino. **O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação**. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.
- COSTA, Natália Rodrigues Moreira Amado; ORTIZ, Pedro Henrique Folco. **Métodos e personagens no documentário de Eduardo Coutinho**. Revista Belas Artes, n. 25, set-dez., 2017.
- FREIRE, Marcius; LOURDOU, Philippe (orgs.). **Descrever o visível: cinema documentário e antropologia fílmica** - São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2020.

GOMES, Pollyanna. “**Cabra marcado para morrer**”: Fundação Casa de José Américo exhibe documentário nesta quarta (7), 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/06/07/cabra-marcado-para-morrer-fundacao-casa-de-jose-americo-exibe-documentario-nesta-quarta-7>. Acesso em: 15 maio 2024.

GONÇALVES, Gustavo Soranz. **Panorama do documentário no Brasil**. Centro Universitário do Norte – Uninorte/Amazonas, p. 79 a 91, 2006.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo** – políticas arrebatadoras. São Paulo, Rosa dos Tempos, 2000.

JORGE, Luiz Eduardo. **Cinema documental e realidade social**. Iluminuras, Vol. 11, N. 26, 2010.

JUSTIÇA FEDERAL. **O que fazer após sofrer violência doméstica**. Jusbrasil, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br> Acesso em: 22 maio 2024.

LEITE, Franciéle Marabotti Costa *ET AL*. **Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: estudo com usuárias da atenção primária**, 2019. Disponível em: <https://www.sc.ielo.br/j/rbepid/a/jMJhN76v8Pgw4nwZP6Djkzh/#> . Acesso em: 25 maio 2024.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. São Paulo: Cultrix, 1986.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Claudia. Aspectos do documentário brasileiro contemporâneo (1999-2007). In: MASCARELLO, Mauro Baptista Fernando. **Cinema mundial contemporâneo**. Campinas: Papyrus, 2008.

MACIEL, Alexandre Zarate. **Conviver, sentir, narrar: personagens documentais e jornalísticos**. Estudo em Jornalismo e Mídia, Vol. 8, n. 2, julho a dezembro, 2011.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas, SP: 2010.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. **Violência contra as mulheres**, 2024.

Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 15 maio, 2024.

POLAKIEWICZ, Rafael. **Orientação sexual, identidade e expressão de gênero: conhecendo para cuidar da população LGBTI+**, 2021. Disponível em: <https://pubmed.com.br/o-sexo-biologico-a-orientacao-sexual-identidade-de-genero-expressao-de-genero-conhecendo-para-cuidar-da-populacao-lgbti/>. Acesso em; 22 jun. 2024.

PORTO, Janice Regina Rangel. **Violência contra a mulher: expectativas de um acolhimento humanizado**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduação em Enfermagem. 2004.

PUCINI, Sérgio. **Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção a pós-produção**. Campinas: Unicamp, 2007.

RABIGER, Michael. **Directing the documentary**. Focal Press: Boston, 1987.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 2a ed. – São Paulo: contexto, 1997.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

REDAÇÃO DA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE GOIÁS. **Ação integrada: Secretaria de Segurança Pública lança Operação Shamar**, 2023. Disponível em: <https://goias.gov.br/seguranca/acao-integrada-secretaria-de-seguranca-publica-lanca-operacao-shamar/> . Acesso em: 14 mar. 2024.

REDAÇÃO DA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE GOIÁS. **Operação reforça combate à violência contra a mulher**, 2024. Disponível em: <https://goias.gov.br/seguranca/operacao-reforca-combate-a-violencia-contramulher/>. Acesso em: 10 set. 2024.

ROSE, Jacqueline. **Sobre a violência e sobre a violência contra as mulheres**. São Paulo: Fósforo, 2022

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO GOVERNO FEDERAL. **Em Goiás, Ligue 180 registra aumento de 52,4% nas denúncias em 2024**. 2024. Disponível em: [https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias-regionalizadas/ligue-180-central/em-goias-ligue-180-registra-aumento-de-52-4-nas-denuncias-em-2024#:~:text=De%20Goi%C3%AAs%20em%202024%2C%20a,denunciante%20foi%20uma%20terceira%20pessoa](https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias-regionalizadas/ligue-180-central/em-goias-ligue-180-registra-aumento-de-52-4-nas-denuncias-em-2024#:~:text=De%20Goi%C3%AAs%20em%202024%2C%20a,denunciante%20foi%20uma%20terceira%20pessoa.). Acesso em: 23 de novembro de 2024.

[VIEIRA, Flávia Vilela](#). **A Evolução do Documentário Brasileiro**. Juiz de Fora: FACOM, 2006.

WAINER, Júlio. **Ideia, imagens e sons** – caminhos para a estruturação de um documentário. Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo, São Paulo, 2010.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE 1**

**ROTEIRO: SUSSURO – UMA LUTA CONTRA O SILENCIAMENTO FEMININO**

Vídeo	Áudio
-------	-------

Cena 01 – Tela Preta 00'00'' a 00'26''	No momento só quero me libertar, de toda essa ferida que ficou em mim. O que eu mais quero agora sabe é me curar. O resto eu consigo fazer.  Título do filme: Sussuro – Uma luta contra o silenciamento feminino
Cena 02 – Luciana 00' 26'' a 00'31''	Bom, me chamo Luciana, eu tenho 38 anos, sou recepcionista...
Cena 03 – Ana Flávia 00'31'' a 00'38''	Meu nome é Ana Flávia, eu tenho 32 anos, eu sou advogada e hoje eu atuo como servidora pública no estado de Goiás.
Cena 04 – Rosi Guimarães 00'38'' a 00'47''	Eu sou a Rosi Guimarães, tenho 41 anos e estou como superintendente da igualdade racial e também assumi aí a presidência do conselho estadual da mulher, o CONEM.
Cena 05 – Elisa Garcia 00'47'' a 00'51''	Meu nome é Elisa tenho 27 anos e sou estudante de criminologia.
Cena 06 – Sheila Costa 00'51'' a 00'57''	Meu nome é Sheila Costa eu sou psicóloga clínica e hospitalar e eu tenho 44 anos.
Cena 07 – Lúcia Helena 00'57'' a 01'23''	Eu sou professora Lúcia Rincon, registrada Lúcia Helena Rincon Afonso, tenho 71 anos, sou mãe de três lindos filhos, vó de três lindos netos, professora na Universidade... hoje PUC Goiás, já há 47 anos.

<p>Cena 08 – Luciana 01'23'' a 2'10''</p>	<p>Vai fazer seis meses que eu tô separada, há seis meses atrás eu sofri uma violência né? Fui casada com esse homem por três anos, no começo do relacionamento foi um relacionamento até tranquilo, só que aí logo depois começou os atos de obsessão, ciúme obsessivo, tipo eu comecei a ser proibida em tudo, vigiada em tudo, eu não tinha liberdade no meu telefone, tudo era rastreado. Então assim foi começando, foi começando aos poucos a ele mudar... mostrar diferença comigo e aí com o passar do tempo começou, infelizmente a violência né? Física. Tive que trocar as minhas vestes, já não pude vestir mais o que eu vestia, não podia sair sozinha, começou o impedimento de visitar minha família, meus próprios filhos, não ter mais amizade, devagarinho foi mostrando isso né? Aí depois virou, infelizmente, uma obsessão.</p>
<p>Cena 08 – Ana Flávia 02'10'' a 03'17''</p>	<p>Tem uns dois anos que eu fui para uma viagem de família, com amigos, para curtir o final do ano, enfim... e aí eu tive, assim que a gente retorna, naturalmente a gente tira fotos né? Eram fotos de férias da minha viagem. E aí em algum momento eu comecei a receber mensagens dos amigos falando “Ana, acho que aconteceu alguma coisa de errado no seu instagram”. Aí quando eu fui olhar me mandaram os links, graças a deus eu tenho bons amigos né que já detectaram que alguma estava errada, mas verificando minhas fotos da viagem vi que minhas fotos estavam sendo usadas em uma outra página que era similar a minha né? Que tinha sido clonado e com as minhas informações: com meu nome, toda a descrição do meu perfil igual só que as minhas fotos de viagem estavam sendo utilizadas como, vinculadas a um site de pornografia né? E foi enviadas essa foto e esse link com essa deturpação né, das imagens é pra todos os meus amigos, para todas as pessoas com quem eu trabalho, para os meus chefes, para todas as pessoas que eu conheço inclusive meus pais, então foi isso e depois a gente descobriu que era como o pessoal usa o termo de fishing né? Para poder fisgar para golpes de internet enfim...</p>
<p>Cena 09 – Rosi Guimarães 03'17'' a 04'46''</p>	<p>Exatamente no dia 20 de dezembro no ano de 2000, tinha acabado de fazer 18 anos e resumindo a história o fato é que eu conheci um rapaz na época ele era mais velho que eu, já servia o exército, eu</p>

	<p>era moça tinha 15 anos, isso há uns 3 anos atrás né em 98, e aí ele queria aquela questão de achou que eu era interessante, queria namorar comigo e eu falei que não, que a gente poderia ser amigo, eu era muito nova, adolescente. E aí ele aparecia e sumia, aparecia e sumia e aí quando foi no ano de 2000 eu estava finalizando, eu fiz técnico e magistério e no dia 21 de dezembro seria minha formatura, colação de grau no magistério, e aí no dia 20 a gente estava ensaiando né num local para usar salto alto, vestir vestido, desfilar, como entrar. Então ele chegou nesse espaço, queria conversar comigo. “Não, quero ter a última conversa com você” e aí eu aceitei a gente conversar, mais uma vez ele insistiu pedindo em namoro, eu falei que não, não dava certo, eu tinha outro... né, naquele tempo muito jovem, tinha outro olhar eu estava em outra fase e não queria assumir um relacionamento com ele. E aí nesse momento, para se despedir de mim ele estava sentado numa distância igual estamos aqui, na hora que ele levantou para sair ele já saiu e sacou essa arma né, então ele me deu dois tiros à queima-roupa, não pegou fatalmente né graças a deus, até hoje os médicos falam que quando a ciência não explica, Deus... porque foi bem de frente, o tiro entrou aqui e saiu aqui então no movimento que eu fiz de desvio né, aconteceu de não ser fatal.</p>
<p>Cena 10 – Elisa Garcia 04’46’’ a 05’36’’</p>	<p>Tinha por volta de 18 anos de idade, conheci essa pessoa, ele era um ano mais novo que eu e no início ele se apresentava de uma maneira muito interessante, ele era compreensivo, era uma pessoa divertida, ele me respeitava e a gente tinha uma relação muito especial, porque ambos estávamos passando pela transição da adolescência né. Eu não sabia exatamente o que eu queria fazer da minha vida e ele também não, ele tinha muitas questões pessoais que ao longo do relacionamento foram ficando mais evidentes. Só que ao decorrer da nossa relação comecei a perceber algumas coisas no comportamento dele que começaram a fazer e despertar alguns gatilhos emocionais em mim. Quando a gente saía junto ele tinha um comportamento de quebrar as coisas que estavam próximas a ele, ele tinha o comportamento muito</p>

	<p>impulsivo, explosivo e eu percebia que ele tinha uma insegurança muito grande em relação a mim, mas eu não entendia por que, porque eu não dava nenhum motivo para ele agir daquela maneira, sendo que desde o início eu sempre fui bastante transparente com ele.</p>
<p>Cena 11 – Luciana 05’37’’ a 06’37’’</p>	<p>Depois que eu mudei para Goiânia que a coisa ficou pior. E nesse dia que eu fiz a ocorrência, foi uma das piores brigas que teve. Eu tava numa distribuidora com a dona da casa que eu moro. Ele chegou nessa distribuidora, ele estava em outro local e lá ele começou as ameaças pelo telefone, que ia me denegrir para dona da casa, que ia fazer isso fazer aquilo e eu fiquei com muito medo daquilo ali. Eu fui embora e ele foi, mas quando eu cheguei na porta da minha casa ele chegou junto também. Aí quando ele chegou junto ele falou para mim: “Eu vou entrar com você na sua casa e você vai passar comigo de mão dada”, como se nada estivesse acontecendo. Eu comecei a chorar e falei para ele: “Olha se você fizer alguma coisa comigo aqui, a gente não está sozinho, tem mais gente no lote”. Ele pegou e falou para mim: “Então você tá de rolo com fulano do lote?” Isso é porque é casado. Mas é tão ciúme doentio, tudo quanto há eu estava fazendo alguma coisa de errado. E aí foi quando começou a briga toda, a violência toda. Ele já me empurrou em cima de uma caixa de som que eu tinha lá, já me jogou para dentro da minha casa e isso eu já nem estava com ele mais, mas era algo assim tão constante de vigiar, de tudo, que acabou acontecendo isso aí né... chegou a um ato extremo.</p>
<p>Cena 12 – Ana Flávia 06’37’’ a 7’08’’</p>	<p>E aí foi inclusive muito difícil por mais que a gente tentou, eu tive a participação dos amigos que denunciaram, mas a gente não conseguiu derrubar. E eu percebo que isso tem muito a ver com a imagem mesmo que a gente passa né? Talvez uma outra pessoa, com outros traços e outras características, seria apenas uma imagem do que era: fotos de viagem. Mas que, em algum momento, surtiu essas tônicas de sexualizar essas imagens que eram coisas pessoais né? Meu arquivo pessoal, inclusive.</p>

<p>Cena 13 – Elisa Garcia 07’08’’ a 07’58’’</p>	<p>E ao longo do nosso relacionamento ele foi fazendo que eu duvidasse de mim mesma, assim, intelectualmente ele fazia eu acreditar que as coisas que eu pensava e defendia não tinham embasamento nenhum e ele sabia mais do que eu e eu não sabia nada, então eu sempre ficava esperando um respaldo por parte dele. Ele foi um dos primeiros namorados que eu tive então para mim foi importante ter essa validação. Na questão da auto-estima também ele sempre fazia eu pensar que eu não era boa o suficiente ou que eu não era bonita o suficiente para ele. Ele também tinha algumas amizades com mulheres e ele ficava estimulando uma competição entre nós. Ele fazia eu pensar que uma suposta melhor amiga dele não gostava de mim e eu não gostava dela. E ele ficava falando “ah fulana de tal não gosta de você”. E ele contava para elas coisas que eu não falava. Era uma coisa que alimentou por bastante tempo.</p>
<p>Cena 14 – Rosi Guimarães 07’59’’ a 08’51’’</p>	<p>Isso na época gerou uma repercussão na minha cidade porque não era comum essas coisas acontecerem, aí tinha a televisão local, a rádio local, repercutiu, até porque a gente fazia um curso, que era o magistério, então todo mundo estava muito envolvido com a questão da formatura que seria no dia seguinte. Houve aquela questão das homenagens, fiquei internada por quinze dias para poder recuperar, fiz a traqueostomia até para ver a questão de voz e desinchar as vias aéreas para ver se eu não teria seqüela na fala. O pós violência foi a revitimização né? As pessoas julgando, “Ah por que não deu uma chance e não aceitou?” As pessoas diziam “Ah ele é uma pessoa bacana, serviu o exército”. Como se isso fosse o pré-requisito para gente aceitar um relacionamento. Basicamente nesse contexto né</p>
<p>Cena 15 – Luciana 08’51’’ a 09’36’’</p>	<p>Aí ele me levou para dentro da minha casa e lá ele ligou minha caixa na última altura e como os vizinhos de lá são acostumados com barulho, eles não preocuparam muito com aquilo ali. Então foi quando aconteceu e lá começou os piores atos de violência. Ele me bateu, me enforcou, colocou uma faca no meu pescoço e tudo ali dentro sem escutar nada e ele fez o que ele quis até o amanhecer. Como diz, a gente mulher que está passando por isso, quando a mulher aceita a violência é porque</p>

	ela já tem uma doença emocional, então é o que eu estava tendo.
Cena 16 – Sheila Costa 09’36’’ a 10’03’’	Normalmente a vítima resiste, as vezes a vítima não entende de fato que foi um abuso, não consegue legitimar, de cara, violência que sofreu. E, posteriormente, conforme a rede de apoio, conforme a orientação que ela recebe, posteriormente, ela busca. Mas imediatamente após a violência, não é tão comum. Ao menos que seja uma paciente que já esteja em acompanhamento psicológico e que tenha uma boa rede de apoio, como eu mencionei.
Cena 17 - Lúcia Helena 10’03’’ a 10’36’’	A violência contra a mulher é, antes de mais nada, um ato ligado a propriedade. Os homens se sentem donos das mulheres. Donos do seu aparelho reprodutivo, donos da sua sexualidade e, elas estão no papel nessa sociedade que é capitalista, de classes patriarcal, homofóbica e racista, a violência contra a mulher surge e existe e se realiza para manter a subordinação, a exploração das mulheres e a dominação para poder manipular como sua força de trabalho e manipular processo reprodutivo.
Cena 18 – Ana Flávia 10’36’’ a 11’29’’	Eu acho que foi levado assim... para todo mundo que eu falava, levava na brincadeira, tipo meus amigos, às vezes até para deixar a situação mais leve, falavam: “Ah Ana, mas você também né Ana? Tão bonita, queria o que né?” Quase como se você até provocasse essas coisas né? Depois disso, mudou o meu jeito de vestir no trabalho, meu jeito de me fotografar, o que eu postava e o que não postava, mesmo não vendo problema nenhum, mas eu tive que me privar de fazer as coisas do jeito que eu acho que deveriam ser normais para não me expor tanto e para que eu não seja vítima desse tipo de coisa novamente. Eu senti que as pessoas me ajudaram no sentido de me ajudar a denunciar e tudo mais, mas sempre nessa tônica de tipo “Ah não leva tão a sério. Né? Besteira!” Não é legal né? Seu pai receber: “Clique aqui para receber fotos íntimas da sua filha”. Ou para o seu chefe né? Mas todo mundo levou meio que como uma brincadeira.

<p>Cena 19 – Rosi Guimarães 11’29’’ a 12’18’’</p>	<p>Naquele momento específico eu estava num local que era no centro da cidade então rapidamente vizinhos vieram e contiveram ele ali no próprio local, chamar a polícia, ele foi preso, mas naquele tempo não tínhamos a Lei Maria da Penha e nem a Lei do Feminicídio que é onde coloca os agravantes né? Em cima de uma tentativa de homicídio. Então ele né, por ser réu primário, sem antecedentes criminais, por ter recém dado baixa do exército ele teve ali algumas regalias. Entre elas, ele ficou detido por quatro meses, mas depois ele saiu para responder o processo em liberdade e daí ele sumiu, tanto que ele foi condenado 11 anos depois, em 2011 que saiu o julgamento, porque ele foi condenado a revelia porque, em tese, ele está foragido da justiça.</p>
<p>Cena 20 – Elisa Garcia 12’18’’ a 12’44’’</p>	<p>Tentar entender por que eu agia daquela forma; tentar entender por que eu aceitei ser humilhada; porque eu aceitei ter sido tão permissiva com algumas coisas... e aí eu percebi que na verdade é uma repetição de comportamento do meu pai, que meu pai agia assim com a minha mãe e eu pensava que uma pessoa ter controle sob você, é porque ela te ama. Essa era a minha forma de compreender o mundo e só aos 18 anos eu fui perceber que essa não era exatamente uma verdade. Eu fui descobrir depois.</p>
<p>Cena 21 – Luciana 12’44’’ a 13’14’’</p>	<p>Quem eu mais confiei foi o que mais me machucou. É muito difícil o que ele fez comigo, inclusive, incluindo meus filhos que é o que eu sempre falava para ele, que poderia fazer qualquer coisa comigo, mas não uma ameaça contra os meus filhos. E, infelizmente, ele só atingia onde ele sabia que era meu ponto mais fraco, que foi aonde eu mais confie nele. Então não esperava passar por isso que eu passei e ficar tão doente emocional e agora que estou me recuperando. Mas, mulher nenhuma espera né?</p>
<p>Cena 22 – Sheila 13’14’’ a 14’15’’</p>	<p>Normalmente o que a gente vê são mulheres que buscam nesse parceiro uma situação de proteção, talvez uma revivência da futura paterna, e a dependência emocional se caracteriza por: “Se eu me desvincular dele eu vou perder tudo, eu vou</p>

	<p>perder a minha segurança, eu vou perder quem cuida de mim...”. Muitas vezes essa dependência afetiva e emocional vem acompanhada de uma dependência financeira, o que dificulta ainda mais. Caso tenha filhos, né? Ainda tem a dependência das crianças de uma situação confortável e segura no lar, então isso também influencia na mulher conseguir se desvincular. Agora, os traumas ficam ecoando eles persistem. Infelizmente a gente vê uma similaridade no perfil de um pai abusivo, agressivo, que diminui a filha... Então ela continua transferindo aquilo para figura do parceiro como se fosse normal ser tratada daquela forma.</p>
<p>Cena 23 – Lúcia Helena 14’15’’ a 14’45’’</p>	<p>Porque há um conflito. As mulheres vinham conquistando e estamos conquistando espaços públicos e estamos conquistando políticas públicas que garantam a vida em condição de igualdade. Com essas ideias mais conservadoras e fortalecendo o patriarcado como princípio de organização dessa sociedade que permeia o conjunto dessa sociedade, a violência se multiplica muito para colocar a sociedade submetida ao poder de alguém que está desempoderado.</p>
<p>Cena 24 – Ana Flávia 14’45’’ a 15’14’’</p>	<p>Eu não vejo esse tipo de golpe sendo aplicado ao gênero masculino. Sim, o fato é de que a mulher é emocional, a mulher é um produto né? Principalmente a mulher jovem ela é mais fácil de ser vendida dessa forma do que um homem que é sempre visto pelas suas características né? Pelo seu profissionalismo, pela sua personalidade e pelas suas outras coisas boas e não só pela sua aparência né? E a mulher geralmente é mais vendível. Oferecida né? Dessa forma.</p>
<p>Cena 25 – Rosi Guimarães 15’14’’ a 15’53’’</p>	<p>É que é realmente assim os sinais né? Sinais de você estar no lugar e de repente a pessoa aparece. Isso era constante. Eu saía com as minhas amigas e ele aparecia. Ele me localizava na cidade e olha que naquele tempo não tinha whatsapp, não tinha celular. Esse excesso né, de tentativas, você diz não e a pessoa tá insistindo, essa insistência da pessoa que vira praticamente ali uma obsessão da pessoa em cima de você. Eu vejo assim, que hoje a gente</p>

tem mecanismos já para detectar essas situações e quando detectar essas situações é procurar ajuda e denunciar. Não vamos ficar com medo “só é um chato”, não, esse cara pode cometer uma violência contra você.

<p>Cena 26 – Elisa Garcia 15'53'' a 16'40''</p>	<p>Eu descobri que na verdade ele havia me traído, só que quando a gente terminou, ele fez eu pensar que eu havia traído ele, ele fez eu pensar que eu estava enganando ele, qu eu tinha traído ele, ele colocou isso na minha cabeça eu não sei como ele fez isso mas ele me manipulou de uma forma que me fez pensar que eu era uma pessoa ruim, que era sádica, que eu não era digna de amar ninguém, que isso eram falas que ele sempre reforçava na minha personalidade e eu acabei acreditando, infelizmente. Eu não fui a única vítima dessa pessoa. Depois de muitos anos uma pessoa que se relacionou com ele entrou em contato comigo, que era a suposta melhor amiga, que na verdade não era melhor amiga, ela tinha um relacionamento com ele enquanto ele estava comigo e eu fui descobrindo coisas, inclusive uma amiga dele que eu achava que era minha amiga também, estava tendo uma relação com ele também, só que ela fingia que era minha amiga e não era.</p>
<p>Cena 27 – Luciana 16'40'' a 17'20''</p>	<p>Acho que a primeira coisa é você procurar apoio, eu fiquei muito tempo sozinha e não tive coragem. Apoio me ajudou muito. Sabe procura alguém. Amiga, colega e tenta procurar apoio porque sozinha você não vai conseguir sair. Porque eu tentei várias vezes sair sozinha e não consegui. Foi quando eu procurei apoio que eu consegui sair dessa labuta toda que eu estava vivendo e desse trauma todo que eu vivi, porque infelizmente a gente fica com um trauma muito grande. Infelizmente acaba muito com a mentalidade da mulher, principalmente você que quer agir sozinha igual eu tentei agir sozinha, mas eu não consegui.</p>
<p>Cena 28 - Rosi Guimarães 17'20'' a 18'10''</p>	<p>Eu nunca consegui procurar ajuda, mas gera né... gera um pouco de insegurança né? Eu fiquei por muito tempo, se eu visse uma pessoa usando uma roupa do exército podia ser quem fosse, eu o enxergava na minha frente. Aí chega uma hora que parece que a gente esquece. Chega uma hora que parece que a gente esquece, tanto que eu nem falo disso. Poucas vezes eu falei disso, talvez para esquecer isso. Mas é aquela coisa que você fala assim: “Poxa por que eu? Por que aconteceu comigo? Eu tinha falado, eu fui sincera, fui honesta. Falei que eu não queria. Eu não iludi ninguém, não enganei ninguém. Deixa a gente um</p>

	<p>pouco arredia, deixa a gente parece que já em situação de alerta né? Com medo, pensando que pode acontecer de novo, porque as pessoas são boazinhas mas elas fingem...</p>
<p>Cena 29 – Elisa Garcia 18’10’’ a 18’39’’</p>	<p>Se conheça, se valorize, se fortaleça primeiro antes de entrar num relacionamento porque dependendo da forma com que você entra numa relação, você permanece, você não aceita determinadas coisas, então fica bem mais fácil de você sair, quando você aprende a identificar alguns tipos de comportamento. Ter uma rede de apoio é muito importante, ter com quem você conversar, na época eu não tinha e acredito que a maioria das mulheres hoje não têm tanta rede de apoio assim e esses assuntos não são levados tão a sério, até que algo mais trágico aconteça.</p>
<p>Cena 30 – Sheila Costa 18’39’’ a 19’45’’</p>	<p>“Ai eu tenho dedo podre, aí parece que só aparece homem assim na minha vida”. É uma escolha inconsciente. É aquele perfil de homem que chama atenção, aonde ela se deixa envolver inconscientemente e fica replicando essa relação tóxica. Vamos dizer, essa escolha inconsciente é do lado da psicanálise, do lado dos transtornos mentais a gente pode identificar às vezes, síndrome do pânico, transtorno de estresse pós-traumático, às vezes estados depressivos né? Conforme a gravidade do abuso até tentativa de autoextermínio, né? Então, assim, a forma como isso reverbera na vida da mulher é muito ampla né? Não que todas passarão por isso, como eu falei, depende da estrutura, de quão fortalecida ela é, mas o trauma ele fica lá latente, pulsante... Os transtornos de estresse pós-traumático, às vezes a gente identifica, qualquer gatilho externo né? Um barulho, uma palavra específica, um tom de voz mais alterado, deixa na pessoa uma elevação na ansiedade, um sintoma que chega a ser físico né? Então isso vai diminuindo, atrapalhando a qualidade de vida da pessoa.</p>
<p>Cena 31 – Lúcia Helena 19’45’’ a 20’30’’</p>	<p>As pessoas têm que compreender a situação de injustiça em dobro, em triplo, que as mulheres</p>

	<p>vivem na nossa sociedade e entender que isso é uma engrenagem que mantém o sistema de exploração de homens e mulheres e por isso precisa ser tratado na sua especificidade de ser mulher. Nesse sentido, nós entendemos que é fundamental que todas as mulheres tenham essa consciência e que, na medida que conseguirem que se integrem a esse processo de luta, mas que avancem em termos de sua consciência, mas que essa consciência, é dever também, inclusive dos homens que têm mais condições na nossa sociedade de chegar a essa consciência.</p>
<p>Cena 32 – Luciana 20'30'' a 20'40''</p>	<p>Apoio, principalmente apoio, que vai te ajudar a você pelo menos ter força para sair, foi o que me ajudou um pouco, né? E hoje eu estou tendo força graças à Deus tô saindo dessa.</p>
<p>Cena 33 – Ana Flávia 20'40'' a 21'25''</p>	<p>Primeira coisa que eu fiz foi primeiro desespero né total e explicar para as pessoas que não era aquilo é... segundo eu fiz um boletim de ocorrência, existe uma delegacia né? Especializada para crimes virtuais então eu consegui fazer o b.o, acompanhamento processual e também acionei a plataforma, para que eu tivesse mais facilidade e apoio da plataforma para derrubar a página, né? Fiz registros com prints e aí acompanhei, também fiz as denúncias né? Convoquei as pessoas que me conhecem, os meus amigos, para poder tentar derrubar a página também, mas eu confesso que eu tive dificuldade porque a burocracia é muito grande, então não foi fácil, ficou online uns três/quatro meses. Mas, a gente conseguiu derrubar então não desiste! Não consegui identificar ainda, a única informação que a gente teve é que era de outro estado. O login era de outro estado, mas não consegui encontrar.</p>
<p>Cena 34 – Elisa Garcia 21'25'' a 21'45''</p>	<p>O que eu espero para os próximos anos é uma coisa difícil assim de estabelecer porque eu ainda tô me conhecendo, ainda tem muitas coisas que eu gosto e que eu preciso descobrir se realmente é algo que eu preciso leva a diante, mas eu quero continuar seguindo o rumo da criminologia e eu gosto de outras coisas eu me vejo como perita, é um sonho muito grande que eu tenho e eu pretendo realizar esse sonho.</p>

<p>Cena 35 – Rosi Guimarães 21'45'' a 22'06''</p>	<p>Busque uma rede de apoio, não se afaste dos seus amigos nem da sua família e ao sinal que você perceba que ele está te deslocando deste núcleo seu de apoio você denuncia, você busca dar um basta né? Se fortaleça para da um basta nesse relacionamento.</p>
<p>Cena 36 – Lúcia Helena 22'06'' a 22'27''</p>	<p>Nós precisamos ter claro que é preciso avançar para que o estado assuma a sua responsabilidade como interessado na criação de seres humanos centrados, bem-informados, capacitados, pessoas que sejam humanamente respeitadas.</p>
<p>Cena 37 – Sheila Costa 22'27'' a 23'05''</p>	<p>A mulher precisa ver se estar do lado daquela pessoa a fortalece ou a diminui. Se aquela pessoa, de uma certa forma, coloca para ela que a única forma dela se manter bem, dela se manter estruturada, é ao lado do parceiro. O abuso psicológico vai colocando na mente da mulher que ela precisa demais dele, que ela não vai conseguir viver sem ele, que ele é a razão dela estar firme, dela criar os filhos... quando ela começa a identificar que “nossa, sem ele eu não vivo, ele me maltrata, ele faz com que eu me sinta mal, mas eu não tenho outra alternativa”, esse seria um sinal de alerta. Então ela conseguir entender tudo isso, realmente ela precisa muito de um acompanhamento profissional, é difícil isso acontecer espontaneamente e esse acompanhamento profissional vai fortalecê-la, vai resgatar a autoestima dela, vai fazer a ressignificação da figura masculina...</p>
<p>Cena 38 – Rosi Guimarães 23'05'' a 24'07''</p>	<p>Eu ainda espero que nas próximas gerações a gente tenha meninas, jovens, adolescentes livres dessa violência que possam pensar nos seus futuros sem medo. Que as mulheres possam viver uma relação plena, segura, esse é meu desejo de vida.</p> <p>Tá bom. Eita nossa e eu pensei que ia ser tão tranquilo.</p> <p>Vinheta de créditos</p>



---

**APÊNDICE II****AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO**

A aluna Catarina Coelho da Rocha Lima, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2024, autoriza a Universidade a reproduzir a obra feita para o trabalho de conclusão de curso.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO  
INSTITUCIONAL  
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário  
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010  
Goiânia | Goiás | Brasil  
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)  
3946.3080  
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

## RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

### Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

A estudante Catarina Coelho da Rocha Lima, do curso de Jornalismo, matrícula 20211012700182 telefone: (21) 99362 8847, e-mail: catarinacrlima@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Sussurro – uma luta contra o silenciamento feminino”, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

**Goiânia, 02 de dezembro de 2024.**

#### Assinatura do autor:

#### Nome completo do autor:

Catarina Coelho da Rocha Lima

#### Assinatura do professor-orientador: